

Olimpismo, desporto e a Humanização da Guerra (1914-1918)

Autora

Ana Paula Pires¹

asoarespires@gmail.com

Resumo

Na véspera da eclosão da I Guerra Mundial os Jogos Olímpicos eram o mais importante acontecimento desportivo internacional. O início do conflito acabou, no entanto, por ter um impacto negativo na evolução do ainda jovem Movimento Olímpico. Este artigo analisa o cancelamento dos jogos da VI olimpíada, em 1916, e procura compreender a importância social do desporto e do olimpismo em Portugal, ao longo da conjuntura de Guerra, através da análise de algumas das ações humanitárias que promoveu.

Palavras-chave: Olimpismo; I Guerra Mundial; Jogos Olímpicos; Humanitarismo; Filantropia; Desporto

“At that time, I did not feel that war was imminent or even inevitable.”

Pierre de Coubertin, *Olympic Memoirs*, Lausanne, International Olympic Committee, 1979, p.87.

Introdução

Na véspera da eclosão da I Guerra Mundial os Jogos Olímpicos eram o mais importante acontecimento desportivo internacional. O início do conflito acabou, no entanto, por ter um impacto negativo na evolução do ainda jovem Movimento Olímpico. Este artigo analisa o cancelamento dos jogos da VI olimpíada, em 1916, e procura compreender a importância social do desporto e do olimpismo em Portugal, ao longo da conjuntura de Guerra, através da análise de algumas das ações humanitárias que promoveu.

¹ História, Territórios e Comunidades CFE - NOVA FCSH

Desporto e olimpismo: entre a paz e a guerra

Pierre de Coubertin tinha 51 anos de idade quando, em 1914, a Grande Guerra eclodiu na Europa. Com uma infância marcada pelos efeitos traumáticos da Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), o barão com espírito de pedagogo e reformador social, cedo encarou o desporto, não só como uma ferramenta importante para promover uma melhor preparação militar dos soldados, mas, também, como um mecanismo filantrópico, capaz de promover o progresso moral dos indivíduos, através do que denominou de educação para a Paz². Mas esta Paz, para Coubertin, devia ser armada, já que o barão se mostrou contra o pacifismo, reconhecendo estar na “guerra”, por exemplo, a base da ginástica praticada na Alemanha. Neste sentido, a dicotomia entre guerra e paz acabou por estar presente, também, nos princípios em que fez assentar as bases do olimpismo moderno³.

Estes ideais internacionalistas baseados num patriotismo firme, idealizados e consagrados a partir da realização dos Congressos Olímpicos de 1894 e da publicação da primeira Carta Olímpica em 1908⁴, acabaram por encontrar eco no mundo novo que a Grande Guerra tinha inaugurado. Numa conjuntura marcada pela ruptura e pela destruição, a necessidade de humanizar os conflitos, tornando-os mais compatíveis com a “civilização”⁵, tornou-se global, consubstanciando comportamentos em que a motivação para ajudar deixou de ser apenas um sentimento individual, transformando-se num comportamento social, colectivo, e um esforço conjunto em que, também, o desporto foi chamado a contribuir.

Este desejo comum de servir foi uma característica que uniu escritores como John dos Passos ou Ernest Hemingway ao fundador dos Jogos Olímpicos da era moderna, Pierre de Coubertin. Entre 1914 e 1918, os três foram condutores voluntários de ambulâncias ao serviço da Cruz Vermelha, na frente de combate

² Sobre esta questão veja-se em particular: A. Kruger, “The Notions of Peace of Selected Leaders of the Olympic Movement and their realisation in the Olympic Games” in *Sport and International Understanding. Proceedings of the Congress held in Helsinki, Finland, July 7-10, 1982*, (Ed.) Maaret Illmarinen, Springer, Berlim, 1984, p.116.

³ *Idem*.

⁴ A Carta foi publicada pela primeira vez em 1908 com o título: *Annuaire du Comité Olympique*. Coubertin tinha redigido alguns dos seus princípios dez anos antes: <https://olympics.com/ioc/olympic-charter>

⁵ Martin Schulz, “Dilemmas of “Geneva” Humanitarian Internationalism: the International Committee of the Red Cross and the Red Cross Movement, 1863-1918” in *Dilemmas of Humanitarian Aid in the Twentieth Century* (Ed.) Johannes Paulmann, Oxford, Oxford University Press, 2016, p.36-37.

ocidental⁶ personificando um comportamento cívico que serviu, também, para revelar não só o carácter global da guerra, mas, também, a união entre o esforço militar dos soldados em campanha e o altruísmo da sociedade civil⁷. Quando auxiliou como voluntário ao serviço de França, Coubertin suspendeu, mesmo, as suas funções de presidente do Comité Olímpico Internacional (COI), retomando-as, apenas, em 1919, quando o COI reuniu para eleger Antuérpia como cidade anfitriã da edição seguinte dos Jogos Olímpicos. O comportamento do Presidente do COI foi, de resto, acompanhado, de perto, pela imprensa portuguesa: “O barão Pierre de Coubertin, tendo aceitado uma incumbência militar, entendeu que devia renunciar, durante a guerra a exercer as funções de Presidente do Comité Olímpico Internacional (...)”⁸.

Em Lausanne, cidade onde passou a residir desde 1915, e para onde transferiu a sede do COI, dedicou-se, durante este período, à educação dos prisioneiros de guerra, Coubertin deixou, mesmo, escritas várias reflexões onde sublinhou a importância do respeito mútuo e condenou as atrocidades provocadas pelos conflitos modernos⁹.

A guerra de 1914-1918 introduziu a brutalidade e a crueldade humana a um nível sem precedentes, foi o primeiro conflito entre potências globais industrializadas; destruiu a crença no progresso, e colocou em evidência os efeitos de uma violência global que envolveu soldados e civis; o horror e o desespero assombraram as populações, à medida que o medo, a incerteza e a carnificina, provocada pelas modernas tecnologias, transformaram os campos de batalha em campos de morte. Ironicamente, em Junho de 1914, no mesmo mês em que o herdeiro do trono da Áustria-Hungria, Francisco Fernando, e a sua mulher, a duquesa de Hohenburg, foram assassinados na capital da Bósnia, cinco anéis interligados, representando os cinco continentes, foram adoptados como símbolo da bandeira olímpica.

O sofrimento de franceses e belgas deixou de ser, também para o desporto português, uma realidade distante, foi, de resto, esta noção de proximidade, que

⁶ James McGrath Morris, *The Ambulance Drivers. Hemingway, Dos Passos and a friendship made and lost in war*, Boston, De Capo Press, 2017. Ver também: Library of Congress, Jefferson Main Reading Room, Washington, Inter-allied Games, Paris, Société anonyme de publications périodiques, 1919.

⁷ Christine G. Kruger e Sonja Levensen, “Introduction: Volunteers, War, and the Nation since the French Revolution” in *War Volunteering in Modern Times. From the French Revolution to the Second World War*, (Ed.) Christine G. Kruger e Sonja Levensen, Londres/Nova Iorque, Palgrave Macmillan, 2010, p.7.

⁸ “O barão Pierre de Coubertin deixa o Comité Olímpico Internacional” in *A Capital*, 7 de Fevereiro de 1916, p.3.

⁹ Pierre de Coubertin, *Le respect mutuel*, Paris, Lib Félix Alcan, 1915.

esteve na origem da constituição, em Lisboa, de um comité anglo-franco-belga cujo objectivo foi reunir donativos em Portugal e enviá-los aos feridos internados nos hospitais temporários estabelecidos em França, bem como da organização em Luanda de festas cujo objectivo era recolher donativos para socorrer os belgas¹⁰. Nesse âmbito foram, ainda, abertas subscrições nacionais destinadas a recolher as verbas necessárias para a aquisição de equipamentos desportivos para os prisioneiros de guerra, para que estes pudessem praticar actividade física nos campos onde se encontravam em cativeiro.

Coube à imprensa desempenhar um papel fundamental na mediação deste sofrimento; foi nas páginas dos jornais que se publicitaram as subscrições abertas para reunir donativos a favor dos militares e das suas famílias. Logo a 15 de Agosto de 1914 a Cruz Vermelha publicou um anúncio onde apelava “(...) a todos os enfermeiros e enfermeiras diplomados, que não tenham compromisso hospitalar e desejem fazer parte do pessoal dum depósito de feridos que eventualmente será criado em Lisboa, o favor de apresentarem os seus diplomas no escritório da Sociedade.”¹¹ Interessante é também a forma como esta mobilização envolveu ainda, desde o início, modalidades olímpicas, como o hipismo; uma das formas encontradas para angariar verbas foi a organização de concursos de saltos pela Sociedade Hípica Portuguesa, competições que envolveram os regimentos de cavalaria n.º4 e dois pelotões de lanceiros¹². A Cruz Vermelha acabou, mesmo, por condecorar a Sociedade Hípica com a Cruz de 1.ª classe, por outro lado, também, as receitas da inauguração, no final de 1914, do velódromo de Lisboa, reverteram a favor das tropas mobilizadas para combater em Angola¹³. Importa sublinhar, ainda, o envolvimento de crianças nesta angariação de fundos: aos alunos da Casa Pia de Lisboa, a Cruz Vermelha solicitou a execução de exercícios de ginástica numa festa a realizar no Jardim Zoológico¹⁴.

¹⁰ “Para a Bélgica” in *A Província*, 30 de Junho de 1916, p.1.

¹¹ *Diário de Notícias*, 15 de Agosto de 1914.

¹² Arquivo Histórico da Cruz Vermelha Portuguesa (AHCVP), *Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha*, Copiador n.º1 – Janeiro a Março de 1915, carta de 15 de Janeiro de 1915 enviada pelo presidente da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha, Domingos Tasso de Figueiredo ao coronel do comandante do Regimento de Cavalaria n.º4.

¹³ “A União aprova o programa inaugural” in *A Capital*, 24 de Novembro de 1914, p.2.

¹⁴ AHCVP, *Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha*, Copiador n.º2, Abril a Junho de 1915, carta de 21 de Abril de 1915 enviada pela Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha ao Director da Casa Pia de Lisboa, Aurélio da Costa Ferreira.

Em Lourenço Marques foi realizada uma festa desportiva cujas verbas angariadas reverteram a favor da Cruz Vermelha Portuguesa e Inglesa e da Comissão Feminina de Auxílio ao Soldado Português, evento que a imprensa afirmou não ser “(...) uma festa da caridade (...) mas do cumprimento de um dever (...)” uma vez que “o Estado não pode suprir todas as faltas de conforto, nem sobretudo é uma entidade que possa dispensar o carinho, o apoio moral indispensável (...) O Estado cumpre o seu dever, dando cartuchos e ordem de marcha; a nação cumpre o seu dever prestando aos que por ela se batem, a manifestação do seu orgulho, o seu carinhoso amparo”¹⁵.

O exemplo altruísta de Coubertin foi, também, seguido, de perto, pelo atleta olímpico António Augusto da Silva Martins, médico, que integrou, como voluntário, o Corpo Expedicionário Português (C.E.P), na sequência da declaração de guerra da Alemanha a Portugal, a 9 de Março de 1916.

No final do mês, o ministro da Guerra, Norton de Matos, por intermédio da Federação Portuguesa de Sports, solicitou que “cada sociedade desportiva intensifique a sua acção, chamando um maior número de adeptos à causa que defende, ministrando-lhes, ao mesmo tempo, a instrução dos conhecimentos que a guerra de hoje veio indicar serem imprescindíveis ao homem, para a sua defesa e para a consecução do seu fim”¹⁶.

Quando o primeiro contingente do C.E.P. partiu de Lisboa para a Flandres, no início de 1917, atletas como o então campeão de pesos e halteres, Álvaro Costa, integraram-no. Os jornais desportivos passaram então a acompanhar os seus desempenhos na frente de batalha, como se de uma competição se tratasse: “O nosso colega do *Diário de Notícias* teve a iniciativa de apurar quais os *sportsmens* que se encontram na guerra. É uma ideia boa que todos os *clubs* deverão acolher com agrado enviando-lhes esclarecimentos, com nomes, idades, especializações desportivas, armas a que pertencem, etc.”¹⁷ À semelhança do que já tinha acontecido com a mobilização de recursos para África, a Sociedade Hípica Portuguesa realizou festas cujas receitas reverteram a favor da campanha portuguesa em França¹⁸, um grupo de ingleses organizou, também, um jogo de futebol, cujas receitas foram divididas entre

¹⁵ “Festa Sportiva” in *O Africano*, 2 de Junho de 1917, p.1.

¹⁶ *O Sport de Lisboa*, 1 de Abril de 1916.

¹⁷ “Sport. Sportsmens portugueses na guerra” in *A Capital*, 4 de Janeiro de 1918, p.2.

¹⁸ *Boletim da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha*, Abril de 1918, p.128.

a Cruz Vermelha portuguesa e britânica. Já no final do conflito foram ainda organizadas diversas actividades desportivas cujas verbas reverteram a favor dos mutilados, a mais importante das quais um jogo de futebol em que se disputou a taça dos mutilados da guerra¹⁹.

Finda a conflagração, a reintegração dos combatentes na sociedade passou, também, pela acção filantrópica de muitas das instituições que estiveram na linha da frente durante os anos do conflito, como a Cruz Vermelha Portuguesa ou a Cruzada das Mulheres Portuguesas, neste domínio específico, será notória, também, a acção desempenhada pelo futuro presidente do Comité Olímpico de Portugal (COP) José Pontes, como chefe do serviço de fisioterapia no Instituto de Santa Isabel, e no Hospital de Mutilados de Arroios.

As “mediações²⁰” que este artigo tem vindo a acompanhar mostram que a motivação para ajudar não é um fenómeno recente, mas antes um comportamento social colectivo que a Grande Guerra fortaleceu e promoveu, e em que o desporto em geral, e o olimpismo em particular, desempenharam um papel importante no domínio da cooperação social e política²¹.

A 5 de Agosto de 2016 quando entrou no estádio do Maracanã, desfilando atrás da bandeira do Comité Olímpico Internacional, a primeira equipa composta inteiramente por refugiados a competir em Jogos Olímpicos, transportou, em si, o sonho e os valores olímpicos realizados por Pierre de Coubertin: “Excelência, Amizade e Respeito”, estes atletas mostraram, também, que tal como aconteceu com a mobilização ocorrida nas distantes trincheiras da Flandres, durante a Grande Guerra, a cultura histórica é uma ferramenta essencial não só para a compreensão dos principais problemas da actualidade - fundamentalismo, terrorismo, racismo, populismo - como nos ajuda a perceber a intercepção entre processos globais e manifestações locais, em que, tal como há mais de 100 anos, o desporto e o olimpismo, continuam a surgir como mediadores privilegiados.

¹⁹ “Quem ganhará a Taça Mutilados da Guerra que brevemente se disputará entre os nossos primeiros “teams” de futebol” in *A Capital*, 28 de Junho de 1918, p.3.

²⁰ Cf. *The Global First World War. African, East Asian, Latin American and Iberian Mediators*, (Ed.) Ana Paula Pires, Jan Schmidt e María Inés Tato, Londres-Nova Iorque, Routledge, 2021.

²¹ Sobre esta temática ver em particular: *Sport and International Understanding. Proceedings of the Congress held in Helsinki, Finland, July 7-10, 1982*, (Ed.) Maaret Illmarinen, Springer, Berlim, 1984.

A Guerra e o cancelamento dos Jogos Olímpicos de Berlim

Desporto e olimpismo surgem, assim, como instituições sociais e, como tal, reflexo da realidade em que se encontram integrados, neste sentido os Jogos Olímpicos tornaram-se, desde o primeiro momento, ainda que do ponto de vista simbólico, um terreno de “confrontação” nacional. Na verdade, o olimpismo surgiu, a par de outros “internacionalismos idealistas” do final do século XIX, como a Cruz Vermelha (1863), o Esperanto (1887) e os escuteiros (1908)²² com quem partilhou, de resto, o ideal de que a transformação do Mundo seria possível através da formação/educação das novas gerações²³.

A Grande Guerra marcou uma ruptura na forma como identidade nacional, política de massas, desporto e cultura física se relacionavam, na verdade, quando a primeira edição dos Jogos Olímpicos da era moderna teve lugar na Grécia, em 1896, a Europa tinha vindo a assistir ao triunfo do nacionalismo, movimento cujos impactos se fizeram sentir um pouco por todo o continente. Contudo a primeira década do século XX acabou por assistir ao derrubar dos ideais da paz e da harmonia social, defendidos pelo Movimento Olímpico.

Em 1912, Berlim tinha sido a cidade escolhida para a realização da edição seguinte dos Jogos, o COI entendia que a escolha de uma cidade alemã poderia, de algum modo, evitar a eclosão de uma guerra numa Europa cada vez mais militarizada e crispada politicamente. O Comité Olímpico Alemão tinha sido constituído em 1904, mas foi na reunião do COI, realizada em 1912, que a decisão de atribuir a Berlim a organização dos Jogos Olímpicos, foi tomada.

O Kaiser Guilherme II acabou por inaugurar, antes da data prevista, um Estádio Olímpico, com 30 000 lugares, a 8 de Junho de 1913, no entanto, a notícia da organização dos Jogos na capital alemã vinha já, há alguns meses, a ser acompanhada de perto pela imprensa, também em Portugal. No nosso país, de resto, as dúvidas quanto a uma eventual participação nacional começaram, desde logo, também, a avolumar-se: “Em Portugal, não sabemos o que poderá vir a fazer o Comité Olímpico Português. É preciso não esquecermos que a ida de uma equipa a

²² Christina Koulouri, “Olympic Games, Olympism and Internationalism: a Historical Perspective” in <https://hermes-ir.lib.hit-u.ac.jp/hermes/ir/re/16836/070inv01001.pdf> p.13. Acedido a 27 de Abril de 2021.

²³ Veja-se o programa de Educação Olímpica do Comité Olímpico de Portugal que, ainda hoje, partilha estes valores: <http://www.eduolimpica.comiteolimpicoportugal.pt/Pages/HomePage.aspx>

Estocolmo representou um *tour de force*, de que resultaram pesados encargos para o Comité, que se acha endividado²⁴.

Foi, justamente, no dia do assassinato, em Sarajevo, do arquiduque Francisco Fernando, que os melhores atletas alemães competiam no segundo dia de uma prova destinada a seleccionar os melhores, a quem caberia representar o país nos Jogos²⁵. Importa sublinhar, também, estar prevista para 1916 a realização da primeira edição dos Jogos Olímpicos de Inverno, que deveriam decorrer em Fevereiro na Floresta Negra.

Uma das principais características dos conflitos bélicos modernos, sobretudo a partir de meados do século XIX foi o esbater de fronteiras entre identidades civis e militares. A Grande Guerra envolveu todos os países europeus com excepção da Espanha, da Suíça, dos Países Baixos e da região da Escandinávia. Mobilizou mais de cem mil homens, dos quais cerca de oito mil perderam a vida nas trincheiras da Flandres ou nos campos de batalha de África ou do Médio Oriente. Nos primeiros dias de Maio de 1915, quando a esperança de que a guerra seria curta começou a desvanecer, surgiram dúvidas quanto à realização dos Jogos²⁶; os Estados Unidos da América cedo fizeram sentir o seu desejo de não participar na competição apesar de Guilherme II ter ainda evocado a possibilidade de ser declarada a trégua olímpica - tradição herdada da Grécia e que determinava a suspensão de guerras ou conflitos existentes por forma a permitir a realização dos Jogos Olímpicos – esta hipótese foi, no entanto, rapidamente, contestada desde logo nas páginas da imprensa portuguesa: “Demasiada loucura seria essa porque a guerra de hoje é uma guerra de extermínio, que só terminará quando o militarismo compreenda que diante dele existe a maior força do Direito e da Razão.”²⁷

Apesar de nos meses seguintes dois países neutros, os Estados Unidos da América e Cuba, terem mostrado disponibilidade para acolher os Jogos, nas cidades de Filadélfia, São Francisco, e Havana, a verdade é que ambos os países acabaram

²⁴ “Sport. A olimpíada de Berlim” in *A Capital*, 26 de Maio de 1913, p.3.

²⁵ Ansgar Molzberger, “Olympic Games 1916” in *1914-1918-online. International Encyclopedia of the First World War*, (Ed.) Ute Daniel, Peter Gatrell, Oliver Janz, Heather Jones, Jennifer Keene, Alan Kramer e Bill Nasson, Berlim, Universidade de Livre.

²⁶ “E os jogos olímpicos” in *A Capital*, 7 de Maio de 1915, p.3.

²⁷ “Na próxima olimpíada. Os trabalhos de pesos e alteres” in *A Capital*, 22 de Novembro de 1915, p.3.

por não ter qualquer resposta por parte do COI e os Jogos da VI olimpíada acabaram, pela primeira vez desde a sua reedição, por ser cancelados.

Após a assinatura do armistício que pôs fim à I Guerra Mundial, a 11 de Novembro de 1918, Pierre de Coubertin sublinhou que o papel do Olimpismo deveria ser o de manter e promover a disseminação dos valores da paz e da harmonia entre países ainda que, na sequência, das disposições do Tratado de Paz, assinado em Versalhes, em Junho de 1919, tivesse concordado em banir a Alemanha, Áustria, Hungria e Turquia, os vencidos da Grande Guerra, dos Jogos Olímpicos de Antuérpia, realizados em 1920.

Conclusões

Em 1934 quando escritor Aquilino Ribeiro publicou, finalmente, o seu diário, este fixava uma imagem da Grande Guerra, declarando ser absurdo tentar humanizá-la²⁸. Aquilino que tinha vivido em Paris, entre 1908 e 1914, onde frequentou a Sorbonne e foi aluno de George Dumas, Lévy-Bruhl e Émile Durkheim, não escondia sentir náusea por aquilo que considerou um “horrendo ataque de epilepsia universal”²⁹. Esta desumanização foi acompanhada, todavia, como vimos, por esforços crescentes para atenuar os impactos da industrialização da morte, em que se inscreveram, as ainda pouco estudadas acções protagonizadas pelo desporto e pelo olimpismo, guiadas por sentimentos morais e por um novo discurso dos afectos e dos valores, que os textos de Pierre de Coubertin acabaram por consubstanciar.

Se por um lado o desporto, em geral, e o olimpismo, em particular constituem bons observatórios para compreender a relação entre nacionalismo, internacionalismo e transnacionalismo, ligação que a eclosão da Grande Guerra no Verão de 1914, se encarregou de exacerbar, a função social do desporto, como vimos, por outro lado, tal como definido na doutrina que o próprio Coubertin concebeu, incorporou uma estratégia cujo objectivo era, a longo prazo, pôr fim aos conflitos entre países, ainda que se tenha encarado de forma punitiva o regresso da Alemanha às competições desportivas internacionais. No final da Grande Guerra, em 1918, Coubertin determinou, mesmo, que o papel do olimpismo deveria ser “manter e disseminar a paz”³⁰.

Tal como no passado, os problemas globais que o Mundo enfrenta, como o problema dos refugiados ou a situação pandémica que, actualmente, atravessamos se tem encarregado de demonstrar, continuam a requerer situações colaborativas e a depender da existência de redes humanitárias resilientes. Neste sentido, tal como já tinha acontecido durante a Grande Guerra, tanto o COI como o COP, têm encontrado no auxílio e na ajuda humanitária uma forma de dar resposta a esses novos desafios globais.

²⁸ Aquilino Ribeiro, *É a Guerra*, Lisboa, Bertrand Editora, 2014, p.144-145.

²⁹ *Idem*.

³⁰ Norbert Muller (ed) *Pierre de Coubertin. Textes Choisis*, Vol. II, Zurique, Weidmann, 1986, p.396.

Fontes e Bibliografia

1. Arquivos e bibliotecas nacionais e estrangeiros

Arquivo Histórico da Cruz Vermelha Portuguesa

Biblioteca Nacional de Portugal

Biblioteca da Cruz Vermelha Portuguesa

Biblioteca do Congresso – Washington D.C.

The National Archives of the United Kingdom – Londres

2. Publicações periódicas – boletins, jornais e revistas

Boletim da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha

Capital (A)

Guerra (A) Ilustrada, Tipografia da Empresa do Jornal Ilustrado, 1918.

Província (A)

3. Relatórios

Grande Comissão Portuguesa Pró-Pátria. Relatório apresentado à grande assembleia dos subscritores em 16 de Março de 1918, Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Comércio de Rodrigues & C.^a, 1918.

Junta Patriótica do Norte, Sinopse da sua obra desde 20 de Março de 1916 até 30 de Setembro de 1918, Porto, Junta Patriótica do Norte, 1931.

Relatório da Assistência da Colónia Portuguesa do Brasil aos Órfãos da Guerra 1918-1920, Rio de Janeiro, Papelaria Ribeiro Ouvidor, 1921.

4. Bibliografia

AKIRA, Iriye, *Global Community. The role of international organizations in the making of the contemporary world*, Berkeley, University of California Press, 2002.

BOURKE, Joana, *What it means to be human: reflections from 1791 to the Present*, Londres, Virago, 2011.

BREWER, John, “Microhistory and the Histories of everyday life” in *Cultural and Social History*, n.º7, 2010, p.87-109.

BUGNION, François, *Confronting the Hell of the Trenches. The International Committee of the Red Cross and the First World War 1914-1922*, Geneva, ICRC, 2018.

- CABANES, Bruno**, *The Great War and the origins of Humanitarianism 1918-1924*, Cambridge/New York, Cambridge University Press, 2014.
- CARDOSO, Carlos Paula**, *100 Anos de Olimpismo em Portugal*, Lisboa, Gradiva Publicações, 2009.
- COELHO, João Nuno e PINHEIRO, Francisco**, *República, Desporto e Imprensa. O Desporto na I República em 100 primeiras páginas 1910-1926*, Porto, Edições Afrontamento, 2012.
- CONSTANTINO, José M. e PROENÇA, Jorge**, *Olimpismo, Desporto e Educação*, Lisboa, edições Universitárias Lusófonas, 1998.
- COUBERTIN, Pierre de**, *Le respect mutuel*, Paris, Lib Félix Alcan, 1915.
- COUBERTIN, Pierre de**, *The Olympic idea. Discourses and essays*, Lausanne, Editions internationales Olympic, Stuttgart, Olympischer Sport-Verlag, 1966.
- COUBERTIN, Pierre de**, *Olympic Memoirs*, Lausanne, International Olympic Committee, 1979.
- Cruz Vermelha Portuguesa 1865-1925*, Lisboa, Centro Tipográfico Colonial, 1926.
- EVANS, Richard**, *The Pursuit of power: Europe, 1815-1914*, Londres, Allen Lane, 2016.
- FASSIN, Didier**, *La razón humanitaria. Una historia moral del tiempo presente*, Buenos Aires, Prometeo libros, 2016.
- FORSYTHE, David P. and FLANAGAN, Barbara Ann J. Rieffer**, *The International Committee of the Red Cross. A neutral humanitarian actor*, New York, Routledge, 2007.
- GOLDBLATT, David**, *The Games. A Global History of the Olympics*, Londres, Macmillan, 2016.
- GUTTMANN, Allen**, *The Olympics. A History of the Modern Games*, Illinois, Illinois University Press, 2002.
- JONES, Heather**, “International or transnational? Humanitarian action during the First World War” in *European Review of History*, 2009, p.697-713.
- JONES, Heather**, “As the centenary approaches: the regeneration of First World War Historiography” in *The Historical Journal*, n. ° 56, 2013, p.857-878.
- KOULOURI, Christina**, “Olympic Games, Olympism and Internationalism: a Historical Perspective” in <https://hermes-ir.lib.hit-u.ac.jp/hermes/ir/re/16836/070inv01001.pdf>

- KRUGER, A.**, “The Notions of Peace of Selected Leaders of the Olympic Movement and their realization in the Olympic Games” in *Sport and International Understanding. Proceedings of the Congress held in Helsinki, Finland, July 7-10, 1982*, (Ed.) Maaret Illmarinen, Springer, Berlim, 1984, p.116-120.
- KRUGER, Christine G. e LEVSEN, Sonja**, “Introduction: Volunteers, War, and the Nation since the French Revolution” in *War Volunteering in Modern Times. From the French Revolution to the Second World War*, (Ed.) Christine G. Kruger e Sonja Levensen, Londres/Nova Iorque, Palgrave Macmillan, 2010, p.1-22.
- HORNE, John**, “End of a paradigm? The cultural history of the Great War” in *Past and Present*, n.º 242, Fevereiro de 2019, p.155-192.
- MOLZBERGER, Ansgar**, “Olympic Games 1916” in *1914-1918-online. International Encyclopedia of the First World War*, (Ed.) Ute Daniel, Peter Gatrell, Oliver Janz, Heather Jones, Jennifer Keene, Alan Kramer e Bill Nasson, Berlim, Universidade Livre.
- MORATH, Pierre**, *The Villa Mon-Repos and the Olympic Movement. A Century of Olympic Presence in Lausanne*, Lausanne, Olympic Solidarity and City of Lausanne, 2012.
- MORRIS, James McGrath**, *The Ambulance Drivers. Hemingway, Dos Passos and a friendship made and lost in war*, Boston, De Capo Press, 2017.
- MULLER, Norbert**, (Ed.) *Pierre de Coubertin. Textes Choisis*, Vol. II, Zurique, Weidmann, 1986.
- MULLER, Norbert**, *Olympism: Selected Writings*, Lausanne, International Olympic Committee, 2000.
- NUNES, Rita**, “A importância do desporto na Grande Guerra (1914-1919)” in *A Grande Guerra e os Açores. Da Estratégia naval à pneumónica*, Angra do Heroísmo, Edições Letras Lavadas, 2019, p.251-260.
- NUNES, Rita**, “Desporto em tempo de Guerra: os Jogos Interaliados” in *Nação e Defesa*, n.º 145, 2016, p.101-108.

- PIRES, Ana Paula**, “The act of giving: Reform(ation) of humanitarian responses to violence in Portugal in the aftermath of the First World War” in *Revival after the Great War: Rebuild, Remember, Repair, Reform* (Coord.) Luc Verpoest, Leen Engelen, Pieter Verstraete, Pieter Uyttenhove, Rajaesh Heynickx e Jan Schmidt, Leuven, Cornell University Press/KU Leuven University Press, 2020, p.280-292.
- PIRES, Ana Paula, TATO, Maria Inès e SCHMIDT, Jan, (Coord.)** *The Global First World War: African, East Asian, Latin American and Iberian Mediators*, Londres/Nova Iorque, Routledge, Abril de 2021.
- RAMOS, Rui**, *Segunda (A) Fundação*, Vol. 6, *História de Portugal*, (dir.) José Mattoso, Lisboa, Editorial Estampa, 2001.
- REGO, Raul**, *História da República – O Firmar do Regime*, Vol. III, Lisboa, Circulo de Leitores, 1987.
- REGO, Raul**, *História da República – Do Sidonismo ao 28 de Maio*, Vol. IV, Lisboa, Círculo de Leitores, Junho de 1987.
- RIBEIRO, Aquilino**, *É a Guerra*, Lisboa, Bertrand Editora, 2014.
- ROLLO, Maria Fernanda, PIRES, Ana Paula e MENEZES, Filipe Ribeiro de**, “Portugal” in *1914-1918-online. International Encyclopedia of the First World War*, (ed.) Ute Daniel, Peter Gatrell, Oliver Janz, Heather Jones, Jennifer Keene, Alan Kramer and Bill Nasson, Freie Universitat Berlin, Agosto de 2017. DOI: 10.15463/ie1418.11152
- ROLLO, Maria Fernanda e PIRES, Ana Paula**, *A Grande Guerra no Parlamento*, Lisboa, Divisão de Edições da Assembleia da República, Outubro de 2018.
- ROSAS, Fernando e ROLLO, Maria Fernanda (Coord.)** *História da Primeira República Portuguesa*, Lisboa, Tinta da China, 2009.
- SCHULZ, Martin**, “Dilemmas of “Geneva” Humanitarian Internationalism: the International Committee of the Red Cross and the Red Cross Movement, 1863-1918” in *Dilemmas of Humanitarian Aid in the Twentieth Century* (Ed.) Johannes Paulmann, Oxford, Oxford University Press, 2016.
- VAQUINHAS, Irene**, “O conceito de “decadência fisiológica da raça e o desenvolvimento do desporto em Portugal (Finais do Século XIX/Princípios do Século XX)” in *Revista de História das Ideias*, Vol. 14, 1992, p.365-388.